

## O ALFAIATEZINHO VALENTE

Era uma vez um alfaiatezinho de bem com a vida. Em uma manhã de verão, costurava sentado no seu banco, ao pé da janela, quando ouviu uma fazendeira na rua à gritar: "Doces de fruta à venda". Estas palavras soaram bem aos ouvidos do alfaiatezinho, que ergueu seu corpo franzino para fora da janela e gritou: "Por aqui, boa mulher, quero comprar os seus doces!" A mulher carregada com o seu pesado cesto, subiu os três andares até a casa do alfaiate e mostrou-lhe todos os frascos de doces e geleias. O alfaiate abriu todos os frascos e cherou todos os doces e finalmente disse: "Parece bom, quero comprar três colheres deste aqui." A mulher ficou desapontada por vender tão pouco, mas deu-lhe a quantidade pedida e resmungando foi embora. "Deus abençõe este doce, que me dará vigor e força," disse ele. O alfaiate espalhou o doce sobre uma fatia de pão e disse: "Uma delícia, mas só comerei quando terminar esta camisa". Colocou a fatia de pão ao seu lado e continuou com a sua costura, suspirava de alegria a cada ponto que fazia. O cheiro do doce logo atraiu algumas moscas que até então estavam na parede. "Quem as convidou? Fora daqui!" disse o alfaiatezinho enquanto tentava espantá-las. Mas as moscas, que não compreendiam a sua linguagem, continuaram a voar em volta do pão. Finalmente, furioso, o alfaiatezinho atirou-lhes um pedaço de pano. Sete moscas caíram mortas no chão. "Sou o maior", disse ele alogiando à si próprio. "Toda a cidade deve saber disto." E assim apressou-se a fazer um cinto no qual escreveu o seguinte: SETE DE UMA SÓ VÊZ! "Não só a cidade, mas o mundo inteiro, deve saber disto!" e seu coração pulava de alegria. O alfaiatezinho colocou o cinto e partiu à descoberta do mundo, pensava agora que a oficina era pequena demais para toda a sua valentia. Antes de partir, procurou pela casa o que poderia levar consigo; mas nada achou, além de um pedaço de queijo velho e já na rua encontrou um passarinho que havia ficado preso num arbusto; este também foi para o bolso junto com o queijo. Começou então a sua travessia e como era leve e ágil, não se cançava. O caminho deu em uma montanha, e quando ele alcançou o cume deparou-se com um gigante que sentado apreciava tranquilamente tudo a sua volta. Corajosamente o alfaiatezinho aproximou-se dele e disse: "Bom dia camarada, estás apreciando o mundo daqui? Pois eu vou tentar a vida mundo afora. Queres vir comigo?" Ao que o gigante respondeu: "Não seas estúpido, pequeno insignificante!" "Já basta" respondeu o alfaiatezinho e desabotoando o casaco mostrou-lhe o cinto: "Leia aqui com que tipo de homem estás falando." O gigante então leu: "SETE DE UMA SÓ VÊZ" e pensou consigo que se tratasse de sete homens mortos pelas mãos do alfaiate e assim tomou um certo respeito pelo homenzinho. Mas decidiu pô-lo à prova: Pegou uma pedra e apertou-a na mão até escorrer água. "Acho que não és capaz de fazer o mesmo," disse o gigante. "Isto é tudo?" perguntou o alfaiatezinho, "Vai ser moleza" disse ele tirando o queijo do bolso, e então esmagou-o até sair líquido. "Que tal isto?" perguntou o alfaiatezinho. O gigante ficou surpreso, mas ainda não estava convencido. Então agarrou uma pedra e atirou-a tão alto que os olhos do alfaiate mau puderam acompanhá-la. "Agora tente fazer o mesmo" disse ele. "Nada mal" disse o alfaiatezinho, "Mas reparei que ela caiu no chão; vou atirar uma pedra que jamais voltará ao chão", e tirando o passarinho do bolso, lançou-o para o ar. O passarinho voou alto e feliz por desfrutar de liberdade sumiu no horizonte. O alfaiatezinho perguntou então, "O que achou do espetáculo, camarada?" "Vejo que és bom atirador" disse o gigante, "Mas veremos agora se és capaz de carregar peso." Este então conduziu o alfaiatezinho até uma grande árvore que por ter sido cortada, estava agora sobre o chão. O gigante o desafiou então: "Se és tão forte, ajude-me agora à transportá-la para fora da floresta." "Com prazer" replicou o alfaiatezinho. "Tu pegas no tronco e eu no resto, pois os galhos são bem mais pesados!" O gigante botou o tronco sobre o ombro e o alfaiate por sua vez sentou-se sobre os galhos. O gigante que caminhava na frente e não tinha

como olhar para trás, não percebeu, carregou assim todo o peso da árvore e ainda por cima o do alfaiate. Este se divertiu com a brincadeira e cantarolava durante o caminho. O gigante que já havia carregado um grande peso, após algum tempo exclamou: "Estou esgotado, tenho que repousar alguns instantes." O alfaiatezinho saltou rapidamente para o chão e agarrando os galhos fingiu que os havia transportado todo o trajeto, e então disse "Só tens tamanho, acho que não és tão forte como dissestes." Voltaram então a caminhar até que passaram por uma cerejeira carregada de cerejas. O gigante envergou a árvore para que o alfaiatezinho pudesse colher algumas cerejas, mas quando este agarrou o galho mais alto, não teve força para segurá-lo. A árvore então endireitou-se e projetou-o fazendo-o voar por cima dela. "Não consegues sequer agarrar um pequeno galho?" perguntou-lhe o gigante. "Claro que consigo" replicou o alfaiatezinho "Achas que isto é difícil para alguém que acertou sete de uma só vêz? Fiz isto de propósito porque os caçadores estavam atirando em nossa direção. Faça o mesmo se fores capaz." O gigante aceitou o desafio e tentou saltar, mas ficou preso nos galhos, o que deixou o alfaiate mais uma vêz em vantagem. O gigante então disse: "Já que tu és tão valente, vens passar a noite em nossa caverna." O alfaiatezinho concordou e seguiu-o. Quando chegaram à caverna, lá se encontravam outros gigantes que sentados ao fogo, saboreavam cada um a sua ovelha assada. O alfaiatezinho olhou tudo a sua volta e pensou: Por aqui é muito mais espaçoso do que na minha oficina. O gigante mostrou-lhe uma cama e disse que ele poderia deitar sobre ela e descansar um pouco. Mas a cama era muito grande e o alfaiatezinho resolveu recostar-se num canto. Quando já era bem tarde o gigante levantou-se e pensando que o alfaiatezinho dormia profundamente sobre a cama, apoderou-se de uma barra de ferro e golpeou-a de uma só vêz. Pensou assim ter acabado com o alfaiatezinho como quem esmaga um gafanhoto. Cedo de manhã os gigantes seguiram para a floresta e não pensaram no alfaiatezinho. Este porém quando se viu sozinho achou que os gigantes teriam morrido de medo dele e por isto teriam fugido dali. O alfaiatezinho seguiu então o seu caminho e depois de caminhar muito foi parar no pátio de um palácio. Como sentia muito cansaço, deitou-se sobre a grama e adormeceu. Enquanto ele dormia, aproximaram-se dele algumas pessoas que observaram a inscrição sobre o seu cinto: "SETE DE UMA SÓ VÊZ". Discutiram então entre si: "Ora, o que faz este grande herói por aqui, onde reina a paz? Deve ser um homem poderoso." E correram para relatar isto ao rei, pensado que tal homem poderia ser útil em tempos de guerra. Acatando o conselho, o rei enviou então um de seus servos com a incumbência de oferecer-lhe serviços de guerra tão logo ele acordasse. O enviado do rei permaneceu ao seu lado e esperou até que ele abrisse os olhos e fêz-lhe então a tal oferta. "Para isto me encontro aqui", respondeu prontamente o alfaiatezinho, "Estou preparado para prestar serviços ao rei." Assim ele foi recebido com honras e lhe foi oferecida uma bela moradia. Mas os guerreiros do rei, por sua vêz desejavam que o alfaiatezinho estivesse bem longe dali, e discutiam entre eles: "O que haverá de acontecer se nos zangarmos com ele, pois com apenas um golpe ele fará cair sete dos nossos de uma só vêz. Contra ele não teremos a mínima chance." E assim resolveram quitar seus serviços perante o rei. O rei por sua vêz ficou muito pesaroso, não queria perder seus fiéis servos e passou a desejar nunca ter posto os olhos sobre o alfaiatezinho. Agora o rei gostaria de livrar-se dele, mas não tinha coragem para dizer-lhe tal coisa, pois temia que o alfaiatezinho o eliminasse e assim subisse ao trono. Depois de ter pensado muito, teve a seguinte idéia: Mandou avisar ao alfaiatezinho de que em uma floresta se escondiam dois gigantes responsáveis por roubos, assassinatos, entre outros danos em seu país. Quem se aproximasse destes colocaria a sua vida em perigo. Se ele conseguisse capturá-los e matá-los, o rei estaria disposto a dar-lhe a mão de sua única filha, assim também como a metade do reino como recompensa. E decidiu que cem cavaleiros o acompanhariam nesta missão. Isto é mesmo algo para um homem como eu,

pensou o alfaiatezinho, não é todos os dias que se recebe a mão de uma princesa e a metade de um reino como oferta. "Sim", respondeu ele determinado e acrescentou: "Mas não preciso dos cem cavaleiros para capturar os gigantes, pois quem acerta sete de uma só vez, não precisa de cem para matar dois." O alfaiatezinho partiu e os cavaleiros o acompanharam. Quando este chegou às proximidades da floresta disse para os acompanhantes: "Fiquem aqui, pois faço questão de acabar com os gigantes sozinho." Sumiu então para dentro da floresta e chegando lá olhou a sua volta. Depois de um certo tempo avistou os dois gigantes: estes dormiam em baixo de uma árvore cujos galhos estremeciam ao som de seus roncões. O alfaiatezinho mais do que depressa encheu seus bolsos de pedras e subiu na árvore. Acomodou-se no alto dela diretamente sobre os gigantes que dormiam e deixou cair uma pedra após outra sobre o peito de um deles. Levou um certo tempo até que o gigante finalmente despertasse e catucando o companheiro ao lado perguntou: "Por que estás fazendo isto?" "Isto o que? Estás sonhando" replicou o outro. Voltaram então a dormir e o alfaiatezinho desta vez deixa cair uma pedra sobre o segundo gigante. "O que é isto?" grita ele, "Por que estás fazendo isto?" "Não estou fazendo nada" resmungava o primeiro. Bateram boca durante um certo tempo, mas como estavam cansados pegaram de novo no sono. O alfaiatezinho não disposto a desistir, recomeçou o seu jogo e desta vez atirou com toda a força uma pedra bem grande sobre o peito do primeiro gigante. "Agora é demais!" gritou o segundo, que pulando violentamente sobre o companheiro, espremeu-o contra a árvore. O outro respondeu com a mesma moeda e começaram uma luta tão feroz que chegaram a arrancar a árvore do solo. A luta perdurou até que finalmente os dois caíram mortos sobre o solo. O alfaiatezinho salta para o chão e diz: "Que sorte não terem arrancado fora a árvore onde eu estava, rápido como um esquilo eu teria então que saltar para outra!" Ele puxa a sua espada e dá-se ao trabalho de fazer alguns riscos sobre o peito dos gigantes estendidos sobre o chão. Dirigindo-se aos cavaleiros, que aguardavam do lado de fora da floresta, exclama: "Missão cumprida, acabei com eles depois de muito esforço e por reagirem tão ferozmente arrancaram até mesmo árvores do solo, mas de nada adianta contra mim, afinal eu sou aquele que golpeou sete de uma só vez." Os cavaleiros perguntam então: "Não estais ferido?" "Nenhum arranhão", responde ele. Os cavaleiros discrentes do que ouviram, resolveram entrar na floresta e lá encontraram os gigantes estendidos e banhados de sangue e à sua volta viram as árvores arrancadas do solo. O alfaiatezinho cobrou o pagamento da recompensa perante o rei, mas este havia se arrependido da promessa que fez e de novo imaginava uma maneira de livrar-se dele. "Antes de casares com a minha filha e herdares a metade do reino, deverás realizar mais um ato heróico." Disse o rei. "Na floresta vive um unicórnio que tem causado grandes danos, deves capturá-lo." "Não temo um unicórnio, pois não deve ser pior do que dois gigantes; sete de uma só vez, aí sim fica interessante." E munido de uma corda e de um machado, ele entrou na floresta depois de determinar que aqueles que o acompanharam esperassem do lado de fora. Não foi preciso procurar muito, logo apareceu o unicórnio que saltando para cima do alfaiate parece, sem a menor cerimônia, querer fazê-lo de sua refeição. "Devagar, devagar" disse ele "Não precisa pressa", e parado esperou o animal se aproximar até que com grande agilidade saltou para trás da árvore. O unicórnio que correu com grande força e velocidade em direção à árvore tem cravado o seu chifre no tronco e dele não consegue mais se soltar, desta maneira se vê capturado. "Consegui pegar o passarinho!", exclamou o alfaiate, que depois de enlaçar a corda sobre o pescoço do animal e com a ajuda do machado livrar seu chifre do tronco, levou-o então à presença do rei. Mas o rei exitou mais uma vez em conceder-lhe a recompensa e fez uma terceira exigência: Antes do casamento o alfaiate deveria capturar um porco-selvagem que havia feito grandes estragos na floresta e os caçadores poderiam acompanhá-lo. "Com prazer" disse o alfaiate, "isto vai ser como brincadeira para criança." Ele não levou os caçadores, que por

sua vêz ficaram satisfeitos, pois já quase morreram tentando se aproximar do porco-selvagem. Este quando avistou o alfaiate correu em sua direção, sua boca espumava e seus dentes eram afiados. O herói fugiu para uma capela que havia ali perto, tão rápido como entrou assim também de lá saiu e o animal que o seguiu lá entrou mas não conseguiu sair, pois o alfaiate fechou a porta logo em seguida deixando-o preso, pois pela janela não era capaz de fugir. O alfaiate chamou os caçadores, estes deveriam ver o animal capturado com os próprios olhos, e o alfaiate dirigiu-se ao rei, que querendo ou não teve que cumprir sua promessa, dando-lhe a mão de sua filha em casamento e também a metade do reino. O casamento foi celebrado com muita pompa e pouca alegria e se o rei soubesse que este homem à sua frente não se tratava de um herói, mas sim de um alfaiatezinho, seria para ele ainda mais difícil. E foi assim que um alfaiate tornou-se rei. Aconteceu que certo tempo depois, numa noite, a jovem princesa ouviu seu esposo falar enquanto sonhava, este dizia: "Rapaz, apronte-me logo esta roupa, se não quizeres levar um tabefe." E a princesa percebeu então a verdadeira origem de seu esposo e na manhã seguinte correu para contar ao pai, queria que ele a livrasse do homem que nada mais era do que um alfaiate. O rei consolou-a dizendo para que na noite seguinte ela deixasse o quarto aberto, pois os servos do rei esperariam do lado de fora até que o alfaiate adormecesse e depois entrariam, o amarrariam e o levariam para um navio que partiria para bem longe. A princesa deu-se por satisfeita com a idéia. Mas alguns homens da guarda, que tinham simpatia pelo alfaiate, ouviram a conversa e o relataram a respeito. "Vou por um ponto final nesta história", disse ele. À noite, como de costume, deitou-se na cama com sua esposa. Quando a princesa pensou que ele estivesse dormindo, ela levantou-se, abriu as portas e deitou-se de novo. O alfaiatezinho que apenas fingia estar dormindo, começou a dizer em voz clara: "Rapaz, apronte-me logo esta roupa, se não quizeres levar um tabefe! Eu acertei sete de uma só vêz, matei dois gigantes, capturei um unicórnio e um porco-selvagem e devo temer aqueles que lá fora estão!?" Ao ouvirem isto, os homens temeram por suas vidas e correram dali como se um grande exército estivesse atrás deles. E nunca mais nenhum homem pensou em fazer algo contra o alfaiatezinho e este permaneceu como rei durante todos os dias de sua vida.